



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA

Edileusa Storch da Silva

**As dificuldades e desafios da ação docente na educação especial e inclusiva:
uma análise na Escola Osvaldo Cruz, Anapu-PA**

Anapu-PA
2019

Edileusa Storch da Silva

As dificuldades e desafios da ação docente na educação especial e inclusiva: uma análise na escola Osvaldo Cruz, Anapu-PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção da nota parcial do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza da Faculdade de Etnodiversidade da Universidade Federal do Pará- UFPA

Orientadora: Prof.^a msc^a. Bianca Araújo de Oliveira Pereira

Anapu-PA

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com
ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo (a)
autor (a).**

S884d Storch da Silva, Edileusa.
As dificuldades e desafios da ação docente na educação especial e
inclusiva: Uma análise na escola Osvaldo Cruz, Anapu- PA / Edileusa
Storch da Silva. — 2019.
VI; 24 f.

Orientador (a): Prof.^a Msc. Bianca Araújo de Oliveira Pereira
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de
Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade
Federal do Pará, Altamira, 2019.

1. Educação especial. 2. Educação inclusiva. 3. Aluno com
deficiência. 4. Formação de professores. I. Título.

CDD 500.1

Edileusa Storch da Silva

**AS DIFICULDADES E DESAFIOS DA AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO
ESPECIAL E INCLUSIVA: UMA ANÁLISE NA ESCOLA OSVALDO CRUZ,
ANAPU-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca
examinadora da UFPA - Universidade Federal do Pará,
para obtenção do título de Licenciada em Educação do
Campo com habilitação em Ciências da Natureza.

Aprovada em: _____ de junho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Bianca Araújo de Oliveira Pereira

Prof. Msc.
Orientadora

Prof.
Examinador

Prof.
Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, sem ele nada disso teria sido possível, a meus filhos motivo de minha luta e perseverança em especial a meu bebê Pedro Augusto minha inspiração e motivação neste TCC, a meus pais por eu ser quem sou, devo tudo a eles e a todos os meus colegas de curso que contribuíram para o meu crescimento e aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Concluir este trabalho representa uma valiosa conquista, que só pôde ser alcançada com a ajuda e compreensão daqueles que compartilharam comigo da construção desta trajetória.

Agradecer primeiramente a DEUS que me deu forças para vencer os obstáculos e dificuldades encontradas no decorrer do curso, que e socorreu fisicamente, emocionalmente e psicologicamente e espiritualmente me dando força, sabedoria e serenidade para sempre continuar.

A Universidade Federal do Pará (UFPA) pela oportunidade de fazer o curso.

A minha orientadora Bianca Araújo, pelo suporte que me deu, pelas correções, incentivos e até pelos puxões de orelhas quando mereci.

Agradeço a todos os professores do curso pelo conhecimento proporcionado, não somente por terem me ensinado, mas também por terem me feito aprender.

Pelo amor e apoio incondicional da minha mãe pela mão que sempre me estendeu quando eu precisei, pelo apoio com meus filhos para que eu pudesse estudar.

Ao meu pai que sempre me fortaleceu, mesmo em meio às dificuldades e que para mim foi de muita importância, pois apesar de está realizando um sonho meu era também o sonho dele ter um filho ou filha com ensino superior.

Agradeço a meus amigos, em especial João Gomes e Gilmar Oliveira pela amizade e ajuda com a formatação deste artigo e amigas de faculdade Fabiana, Francilene, Gracília, Ivancelia e Raquel pelo apoio nessa jornada.

Aos vizinhos e companheiros de trabalho e de curso, todos os irmãos na amizade que fizeram parte de minha formação e com certeza irão permanecer para sempre em minha vida.

Aos meus filhos Maria Eduarda, Felipe Rayr e Pedro Augusto, pelos momentos de brincadeiras e alegria que renovam minha energia, me dão incentivo para seguir e mostram o verdadeiro sentido e valor da vida.

E por fim agradeço a todos de forma geral, que diretamente ou indiretamente fizeram parte desta minha grande vitória, o meu muito obrigado pela valiosa contribuição.

“Nas grandes batalhas da vida, o primeiro passo para a vitória é o desejo de vencer.”

Mahatma Gandhi

RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar a falta da formação dos professores na área da educação inclusiva na EMEF Osvaldo Cruz, Anapu-Pa através de entrevista com os professores e a Diretora da escola e também com observações durante as aulas nas salas com alunos com necessidades educacionais especiais, considerando a importância desta formação para o desenvolvimento e aprendizado destes educandos, a fim de promover o conhecimento e a socialização deste aluno, buscando em primeiro lugar o processo de alfabetização do mesmo dentro de suas limitações e de suas especificidades e para que isso de fato aconteça o professor precisa conhecer e apropriar-se da história dos seus alunos e do cotidiano em que o aluno está inserido, trazer a família para fazer parte do processo de ensino aprendizagem, assim como também lutar para que as políticas públicas sejam devidamente seguidas.

Palavra-chave: Educação Especial. Educação Inclusiva. Aluno com Deficiência. Formação de Professores.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	08
2. Tema e problema.....	12
3. Justificativa.....	13
4. Objetivo Geral e Específico.....	15
5. Materiais e métodos.....	16
6. Considerações finais.....	24
7. Referências.....	26
8. Anexo.....	28
9. Apêndice.....	29

1. Introdução

Educação inclusiva é um tema recorrente no Sistema Educacional Brasileiro, mas somente a partir da década de 70 passou a ser discutida pelos governantes. Essa vitória foi alcançada pelas extensas lutas de pais de crianças especiais, movimentos sociais que dentre várias conquistas tem-se a Declaração de Salamanca, documento elaborado na Conferência Mundial sobre Educação especial, em Salamanca, na Espanha (1994) com o objetivo de facilitar o processo de ensino e aprendizagem dessas crianças. Apesar de garantirem o direito à educação de crianças e jovens com necessidades educacionais especiais, a educação especial e educação inclusiva são temas que possuem diferentes características.

Educação especial é a modalidade de ensino onde se estudam unicamente estudantes que possuem alguma deficiência que o caracteriza como um aluno que necessita de ensino educacional especializado, onde o professor tem a atenção voltada totalmente para esses alunos e a educação inclusiva por sua vez é aquela em que os alunos especiais estudam juntamente com os alunos considerados normais para aprenderem a se comunicar, interagir e socializar, ou seja, é o momento em que se inicia inclusão em grupo, evitando a segregação.

Embora a educação inclusiva tenha demorado para ganhar relevância na área da educação, apenas nas últimas duas décadas em diante ganhou visibilidade, que também tem sido alvo de grandes críticas, por não ser cumprida de acordo com as leis vigentes. Essa modalidade de ensino visa promover o convívio entre crianças excepcionais e as demais, bem como ao ensino de todas as disciplinas da grade curricular, que não devem ser negadas para este público.

Cabe ressaltar que a deficiência é considerada como uma diferença que faz parte dessa diversidade e não pode ser negada, porque ela interfere na forma de ser, agir e sentir das pessoas. Segundo a Declaração de Salamanca, para promover uma Educação Inclusiva, os sistemas educacionais devem assumir que "as diferenças humanas são normais e que a aprendizagem deve se adaptar às necessidades das crianças ao invés de se adaptar a criança a assunções preconcebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem" (BRASIL, 1994, p.4).

As diferenças estão presentes em praticamente todos os aspectos da vida em sociedade e influenciam diretamente no convívio entre as pessoas. Por isso, as escolas devem está aptas para receber todo tipo de educando, com suas especialidades, aprimorando cada vez mais seus saberes, capacitando seus professores e assim como o entendimento dessa ideia

e de suas divisões torna-se cada vez mais importante esses conhecimentos para poder expandir os saberes, entender o funcionamento da sociedade e nivelar aqueles que possuem algum tipo de dificuldade.

Mantoan afirma que:

A inclusão questiona não somente as políticas e a organização da educação especial e de regular, mas também o próprio conceito de integração. Ela é incompatível com a integração, já que prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceção, devem frequentar as salas de aula do ensino regular (MANTOAN, 2008, p.19).

Existem necessidades de que a formação do educador deva ser contínua e que ele flexibilize as formas de trabalhar o currículo, direcionando o foco para a aprendizagem e para que as disciplinas sejam devidamente ensinadas a este público destinado, são necessárias algumas práticas pedagógicas que contemplem a educação especial e inclusiva, evitando o ensino segregado e oferecendo uma boa estrutura escolar que seja acessível a todos.

Ao refletir sobre a abrangência do sentido e do significado do processo de Educação Inclusiva estamos considerando as diversidades de aprendizes e seus direitos a equidade. Trata-se de equiparar oportunidade, garantindo a todos inclusive as pessoas em situação de deficiência e aos de altas habilidades/superdotados, o direito de aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver. (CARVALHO 2005).

Nas escolas do campo a deficiência com a formação de professores é ainda maior que nas escolas da cidade que possuem sala de AEE- Atendimento Educacional Especializado e os professores recebem treinamentos para trabalhar nessa área com esses alunos, a falta de professores qualificados é uma das principais causas de exclusão e segregação, principalmente nas escolas do campo, que ficam alheios sem informação, apenas com o material didático que é sempre o básico, sua inteligência e sua consciência para pesquisar na internet.

Na EMEF Osvaldo Cruz, uma escola do campo, localizada no interior do município de Anapu, na qual estuda três alunos especiais, com um Autismo e dois Síndrome de Down, há problemas quanto à educação especial e inclusiva. Muitos professores dizem que não possuem formação para trabalhar com este público, não há orientações de como devem proceder em relação a metodologias pedagógicas a serem utilizadas e esse despreparo resulta em falta de incentivo aos alunos ou se transformam em atividades mecânicas sem fins de conhecimento para o ensino aprendizagem, além de não contar com estrutura apropriada para algumas especialidades, como rampas, banheiro adaptados e corrimãos nas escadas para melhor segurança de todos os alunos, sem exceção de especial ou não.

Nesta escola já houve um caso de um estudante que abandonou ou deixou de estudar por falta de capacitação e resiliência para com alunos especiais; o referido aluno possuía

paralisia cerebral, a qual afetou sua fala e sua locomoção, e estudou nesta escola desde o ensino infantil e metade do fundamental. Neste momento, foi quando teve início a exclusão por parte de alguns professores, com palavras nada motivadoras, chegando ao ponto de falar para o aluno que ele estava atrapalhando o restante da turma, pois sua assimilação dos conteúdos era abaixo se comparada com a dos demais alunos.

O estudante foi desmotivado, mesmo que a família tenha tentado convencê-lo a continuar os estudos, não foi suficiente, pois foram vencidos pelo despreparo de alguns professores, que muitas vezes tomados pela dúvida e pelo medo gerado pela falta de formação para trabalhar com esses alunos, agem de tal maneira, excluindo alguns com o objetivo de não prejudicar os demais, quando na verdade todos poderiam ser igualmente assistido e beneficiado se não fosse a falta de formação para os professores do campo na área de educação especial e inclusiva.

Portanto, o ensino para alunos com necessidades especiais requer uma postura crítica e para que isso aconteça os professores devem estar preparados, abertos a conhecer o aluno, para que possam juntos entender esta temática por uma visão holística e assim buscar decisões coerentes com a realidade que nos cerca. Por isso devemos observar que há uma grande discussão sobre a educação dos alunos com necessidades especiais, pois quando não trabalhada de forma correta o aluno especial passa a ser apenas uma criança especial na sala de aula, onde fazem tudo por ele, colocando-o em uma situação de coitadinho e incapaz. Em relação a esta perspectiva de estar aberto a conhecer o outro Paulo freire (2005) em sua obra *Pedagogia da Autonomia* afirma que o ideal é que na experiência educativa, educandos, educadoras e educadores, juntos ‘convivam’ de tal maneira com os saberes que eles vão virando sabedoria. Algo que não é estranho a educadores e educadoras. (FEIRE, 2005, P.58)

Há várias leis que amparam essa modalidade de ensino, mas que em sua maioria não funcionam nas escolas do campo, de forma que elucidem as necessidades destes alunos em relação à inclusão, em algumas escolas os principais problemas são: a falta de adequações dos ambientes e dos currículos baseados nas características e especificidades de cada aluno.

Por outro lado, conforme estabelecido no artigo 59 da LDB, Lei n. 939/96, é assegurado que os sistemas de ensino deverão atender aos educandos com necessidades educacionais especiais, garantindo:

- I – Currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades;
- II – Terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para superdotados;

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns; (BRASIL, 2010, p. 44)

Nesse processo de inclusão é indispensável a compreensão das dificuldades que o educando apresenta em seu processo de escolarização e para que isso aconteça é imprescindível uma participação mais qualificada dos educadores para importante avanço. É o sistema educacional adaptando-se às necessidades de seus alunos (escolas inclusivas), mais do que os alunos adaptando-se ao sistema educacional (escolas integradas) (Francisca. R.F. Monte 2006, p. 08)

A inclusão é um movimento educacional muito importante para os educandos especiais, ela vem defender os direitos de todos esses alunos, ela baseia-se na concepção de educação de qualidade, sempre respeitando e levando em consideração suas diversidades, as necessidades, seus interesses e suas características.

2. Tema e problema.

Estudar sobre o tema que inclui Educação Especial e Formação de Professores, incitar, incentivar, investigar e cobrar das autoridades competentes, traz benefício para toda a escola, corpo docente e comunidade escolar, pois investir na formação de professores é uma contribuição importantíssima para a escola, corpo docente e principalmente para os estudantes com necessidades especiais.

A educação inclusiva é recheada de paradigmas que por diversas vezes torna-se um grande desafio fazer com que a inclusão ocorra, prejudicando a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo com necessidades educacionais. O sucesso dessa inclusão escolar depende em grande parte do trabalho pedagógico do professor, por isso a importância da qualificação para suprir as necessidades diferenciadas de seus alunos, oferecendo situações de ensino aprendizagem de qualidade e satisfatória a todos de forma igualitária, nessa perspectiva MENDES, 2004 afirma que é necessário uma política de formação de professores é um dos pilares para a construção da inclusão escolar, pois a mudança requer um potencial instalado, em termos de recursos humanos, em condições de trabalho para que possa ser posta em prática. (MENDES, 2004, p. 227).

Embora a educação especial ainda não esteja nos padrões das leis, mas já se pode notar um avanço considerado grande à população e sociedade e para que ela alcance seu nível máximo ou se aproxime dele não devemos nos contentar com o que já conseguimos desse modo tem- se como pergunta de pesquisa “O que é educação especial e inclusiva? Elas de fato acontecem ou está sendo apenas mais uma obra compensatória para cego ver? Os professores são capacitados na área da educação especial e inclusiva?”.

3. Justificativa

Este trabalho tem a intenção de colaborar no avanço dos estudos da Educação Especial e Inclusiva na escola Osvaldo Cruz no município de Anapu-PA, assim como a adaptação da mesma para receber os alunos com problemas de locomoção, uma vez que o acesso e interação fazem parte do processo de socialização e inclusão do conhecimento.

Mazzota (1996) define a Educação como:

[...] a modalidade de ensino que se caracteriza por um conjunto de recursos educacionais especiais organizados para apoiar, complementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação formal dos educandos que apresentem necessidades educacionais muito diferentes das da maioria das outras crianças e jovens (Mazzotta, 1996, p.11).

A educação inclusiva constitui os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias e defende que alunos com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, Em 1994, a Declaração de Salamanca, documento resultante da Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, realizada na cidade de Salamanca, Espanha promovida pela UNESCO proclamou que as escolas regulares tem como princípio orientador que “as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras”.(Brasil, 2006, P. 330).

Sasaki (1998) define a Educação Inclusiva como:

Processo que ocorre em escolas de qualquer nível preparadas para propiciar um ensino de qualidade a todos os alunos independentemente de seus atributos pessoais, inteligência, estilos de aprendizagem e necessidades comuns ou pessoais. A inclusão escolar é uma forma de inserção em que a escola comum tradicional é modificada para ser capaz de acolher qualquer aluno incondicionalmente e de proporcionar-lhe uma educação de qualidade. Na inclusão, as pessoas com deficiência estudam na escola que frequentariam se não fossem deficientes. (SASSAKI, 1998, P.8).

Portanto devemos observar que há uma grande discussão sobre a educação dos alunos com necessidades especiais e que assim como as outras crianças, os especiais também são capazes de superar as barreiras das próprias limitações. Existe a necessidade da redefinição dos modelos das práticas pedagógicas e que a uniformidade destas práticas sirva para orientar um bom aprendizado para estes alunos.

A formação de professores para atuar na educação especial e inclusiva é de suma importância, pois os desafios encontrados pelos docentes que trabalham com deficientes apresentam-se das mais variadas formas e contextos para que nova educação aberta às

diferenças possa abranger a todos os indivíduos que se encaixam nessa categoria de ensino de forma que diminua as barreiras encontradas devido a sua condição de saúde.

Nesse processo de inclusão é indispensável a compreensão das dificuldades que o educando apresenta em seu processo de escolarização e para que isso aconteça é imprescindível uma participação mais qualificada dos educadores para importante avanço. A educação inclusiva é recheada de paradigmas que por diversas vezes torna-se um grande desafio fazer com que a inclusão ocorra, prejudicando a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo com necessidades educacionais especiais.

4. Objetivos:

Geral

- Analisar como acontece o processo de formação de professores das series iniciais na educação especial e inclusiva nas escolas do campo e de ensino-aprendizagem: A inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais na sala de aula regular de escola pública em municipal em Anapu - PA.

Específico

- Descrever as políticas públicas de inclusão escolar no município de Anapu;
- Compreender as práticas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem do aluno com necessidades educacionais especiais e observar se as aulas contemplam todas as diferenças;
- Analisar se os professores possuem formação específica para este público;
- Avaliar as dificuldades dos professores com estes alunos especiais, observando a interação na sala de aula regular.

5. Materiais e Métodos

A metodologia que será desenvolvida consta de: revisão de literatura de artigos sobre a temática, consulta de documentos oficiais do Ministério da Educação - Educação Inclusiva, Lei de Diretrizes e Bases (LDB), pesquisa de campo (observação) e aplicação de questionários aos docentes. O instrumento que será utilizado para a coleta de dados será um questionário contendo: identificação, formação acadêmica, atuação profissional e o trabalho com a educação inclusiva.

O presente artigo tem caráter de pesquisa científica e está estruturado da seguinte forma: foi feita uma breve abordagem inicial sobre Educação Especial e educação Inclusiva e as Dificuldades Encontradas pelos professores devido à falta de formação especializada na área de Educação Especial, a fim de demonstrar a questão da exclusão de alunos especiais do ambiente escolar, mesmo estes frequentando a escola. Em seguida realizada a defesa do direito à educação especial a todos que comprovem que possuem alguma deformidade que o caracteriza como tal, tendo como base a teoria das capacidades de desenvolver as atividades a partir da compreensão da educação como uma ferramenta para alcançar realizações e como um fim em si mesmo. Ao final, são apresentadas as considerações finais, bem como a resposta à pergunta proposta pelo artigo, com base em Robert K. Yin (2016), qualitativa do início ao fim.

Para analisar se os professores estão tendo dificuldades e quais são elas, estive presente na sala de aula observando o modo que o mesmo lida com o aluno, assim como também para identificar os métodos por ele usado, se contemplam as diferenças ali contidas, se os alunos estão progredindo, assimilando o conteúdo ministrado.

Em busca de resposta para sobre a formação específica dos docentes na área da educação especial e inclusiva entrevistei a Secretária de Educação do Município, professores da escola e a diretora da Escola Osvaldo Cruz e com os professores da escola que trabalham ou já trabalharam com alunos que necessitam de ensino educacional especializado e confronto com o que afirmam alguns autores.

Relato da primeira entrevista realizada em maio de 2019, com o professor Benedito Gomes de Lima da EMEF Osvaldo Cruz, com a acadêmica do Curso de Educação do Campo – 2015.

Entrevistadora: *Como você planeja suas aulas para alunos com necessidades especiais?*

Professor entrevistado: “Quando eu chego na Escola, nos meus primeiros dias de aula, como a gente não tem aquela conversa prévia com o professor anterior deste aluno, que algumas vezes ele nem teve, e se teve, veio de uma escola de zona rural onde a escola é longe uma da outra, você nem tem tempo pra ir lá naquela escola com o professor desse aluno pra ele poder relatar e não tem algo assim do tipo um relatório de final de ano individual por aluno não tem o professor leigo, então o que o professor tenta fazer? Ele fazer um diagnóstico prévio deste aluno, em sua primeira semana de aula, você tenta analisar a necessidade do aluno e quando detectada a necessidade aí tentamos trabalhar encima desta necessidade tentamos trabalhar com jogos, trabalhar com musica para que ele acompanhe a tua atividade.

E ele continua: eu estou com a Esterzinha (aluna com necessidades especiais), a Ester como eu entro pouco na sala dela até por ser professor de hora atividade, estava falando com a D. Socorro (auxiliar da aluna Ester), é um entrave pra mim porque só vou na sala dela nas segunda-feira e quando chego na sala a primeira coisa que faço é folhear o caderno dela para ver em que ela evoluiu e pergunto a auxiliar dela: D. Socorro onde a senhora acha que ela está evoluindo? O que ela gosta de fazer? A senhora já detectou o que ela gosta e fazer na sala de aula? E ele continua em sua fala: Esses dias detectamos que necessidade da Ester é maior que a dos outros, ela não brinca, não escreve, ela grita, ela tem uma necessidade diversificada, muito diversificada, muito diferente, nunca trabalhei assim antes é um desafio para mim, aí a gente tenta entender o que está acontecendo com a Ester. Ela não se socializa com ninguém, a única coisa que ela gosta de fazer é pegar um fiozinho e ficar debaixo das cadeiras amarrando e aí tem horas que dá na cabeça dela de gritar e ela grita, se der vontade de pular ela pula, de jogar a cadeira no chão ela joga, chora, faz as necessidades na roupa aí o que aconteceu a gente percebeu juntos com a auxiliar dela que a Esterzinha ela está começando a gostar de brincar principalmente com os outros, ela não quer brincar sozinha ela já está percebendo que brincar com os outros é melhor, então ela vai para o meio dos outros e começa a brincar e a acredita que a educação inclusiva ela passa por esta parte, ela tem que ter isso, ela tem eu ter é a inserção dessa criança no meio das outras e com o passar dos tempos que ela não seja tratada logicamente entre aspa com indiferença com esses outros que seja tratada do mesmo jeito, as atividades logicamente que vai ter um pouco de diferença, mas que

ela seja incluída nesse meio e a gente estão tentando fazer isso com a Estezinha, o Otávio já foi mais fácil, o Otávio ele é solto pra isso, a Ana Cristina ela é solta pra isso, ela se envolve, a Aninha assim que começou estudar comigo ela ficava no cantinho e aí eu lembro que eu tentava descobrir o que ela tinha, eu comprava livros pra ela, dava livros pra ela pois a mãe dela dizia que ela gostava muito, muito de livrinhos. Eu comprava livros cheios de desenhos, na orelha dos bichinhos tinha letrinha no rabinho do bichinho tinha letrinha e então ela começava a ler. Quando eu saía da sala de aula eu falava assim: Ana tu fica tomando de conta dessa turma e ela ficava por ali meio tímida, tu fica Ana? A gente já preparava os alunos, olha pessoal a Ana é necessidade especial, ela é diferente de nós, ela tem uma inocência maior então não tratem ela com arrogância, eu deixava ela para ela se sentir importante como se ela fosse a professora, do meio por fim quando o menino ia sair ela dizia não, não, não sai só quando o professor chegar ela fala do jeitinho dela, né. Aí conseguimos colocar isso. Com relação a esse planejamento que tu falou, eu trabalho em cima dessa ideia que eu tinha, eu trabalho sempre para que eles se incluam, as atividades deles são de acordo com as necessidades deles, para isso eu tinha que diagnosticar ele ou seja saber em que etapa do ensino se encontra e é bem mais fácil trabalhar assim.”

Entrevistadora: *Quais os materiais e recursos didáticos que você utiliza durante as aulas pra a educação inclusiva?*

Professor entrevistado: “Além dos livros que já mencionei que comprava para a aluna, a escola enriquece mais porque a escola ela tem jogos, essas pessoas você tem que puxar pro lúdico dela porque tu tem que saber que uma pessoa com necessidades especiais ela não tem vamos dizer assim e o direito muitas das vezes como aquelas outras criancinhas na maneira de você exigir dela e um pouco diferente o lúdico e interessante não só para os especiais mas para os fora dos especiais ele atrai as atenções, ele chama quando tu aprende uma coisa com jovem por meio de jogos tu vê que parece que houve um aprendizado mais aprimorado e mais rápido quando tu ensina através da brincadeira, nem sempre ela foi vista assim antes quando você chegava que começava a brincar com o aluno você já era visto diferente. É uma historinha, um musiquinha é uma brincadeira, é uma piada dita de maneira correta, de maneira a trazer aprendizagem aquele aluno, é um joguinho de caça palavras, de palavras cruzadas, é um joguinho da memória, de montagem de bloco, de montar algumas figuras com desenhos geográficos, com objetos e figuras geográficas isso é tão interessante que fica bem mais fácil dar aula assim. Essas crianças com esses tipos de necessidades especiais você ensinar por meio de lúdico nessa situação é melhor e a escola está cheia de joguinho, cheia de livrinho de história que você pode brincar, você entra na sala do pré-

escolar tem sacolas de brincando, você entra na sala de computação tem uma porção de jogos que podem ser usados, mas agora sempre uso, não nem sempre uso porque há uma barreira ainda, alguns imaginam que fazer isso seria perder tempo e o professor é tão cobrado para que ele desenvolva o aluno que ele não quer perder tempo e na realidade ele pega o caminho errado, ele quer giz, explicação, giz, explicação e sendo que se pegasse os jogos para fazer as explicações talvez fosse mais fácil e mais proveitoso de ensinar”.

Entrevistadora: *Suas metodologias contemplam as especificidades de cada aluno presente na sua sala de aula?*

Professor entrevistado: “Se eu dissesse que sim eu estaria não estaria sendo realista por que se contemplasse todas as necessidades dos meus alunos eu imaginaria que eu chegasse no final do ano com 100% de aproveitamento e eu não chego com 100% e aproveitamento e muito pelo contrário, sempre que chega o final do ano eu me imagino assim, teve alguma coisa que eu não consegui entender de alguém porque eu não agi com ele de forma que ele evoluiu aquilo que eu imaginei que ele deveria naquela serie em que ele se encontra. Eu já dei aula pro Otávio por exemplo e no final do ano ele um aluno com necessidades especiais ele não conseguiu desenvolver tudo aquilo que era necessário para aquela serie dele, foi prazeroso, foi bacana eu ter ensinado pra ele, eu gostei, os pais dele acharam que ele aprendeu um pouco mas eu não consegui colocar no Otávio tudo aquilo que eu consegui colocar em uma maioria, mas nele eu não consegui, então eu acho assim que se minha metodologia tivesse contemplado as necessidades de todos meus alunos eu imaginaria que eu tinha conseguido com todos eles um bom resultado, um bom ensinamento eu não consegui, mas eu tentei e venho tentando de todas as maneiras pesquiso, busco, quando vou em outras escolas entro dentro das salas e vejo as metodologias, converso com os professores para mim ver uma maneira diferente de ensinar, uma maneira diferente talvez de atrair a atenção dos meus alunos para que eles aprendam melhor.”

Entrevistadora: *Quais os recursos que a secretaria disponibiliza para a educação inclusiva?*

Professor entrevistado: “Bom, quais os recursos, olha os recursos são os projetos do próprio Governo Federal, ela faz a intermediação só ela passa, ela escreve as escola em algum programa de educação inclusiva, aí esses programas enviam jogos, enviam livros, a ajuda é assim ela é restrita ao livro, vamos dizer assim ao material didático, a gente até sempre cobra da secretaria uma formação para nossos professores sobre educação inclusiva, oficinas para que a gente aprenda pois com isso acho que seria até bem mais fácil, com o relação ao apoio dela (secretaria) é isso , ela proporciona o material didático e muitas vezes

pra você poder usar e como usar e tentar usar no momento certo com a pessoa certa você tem que tentar avaliar esse aluno ver onde que ele está e descobrir o joguinho ou material didático que você vai usar, pesquisar pra tu ver como tu vai usar e aí tu vai pra praticar em sala de aula é assim então a participação dela se restringe a isso, só o didático mesmo Nós não temos é Edileusa, na escola principalmente em Zona Rural que é o nosso caso, Educação do Campo, nós já trabalhamos com o mínimo do mínimo o professor ele trabalha mais com a criatividade dele do que com a contrapartida desses órgãos que regem a educação, os nossos alunos não vai ter um ambiente adequado, uma cadeira especificada pra ele, uma área de lazer apropriada para que ele brinque, tudo na escola não está adequada para receber nenhum tipo de necessidade especial, isso já é um ponto negativo para tu conseguir atingir as suas metas com aquele aluno, então me refiro aqui é um fato importante é esse dessa falta de qualificação do espaço da estrutura dos profissionais para receber esse aluno e aí fica a desejar em relação a isso as escolas, você recebe vem muitos alunos principalmente nossos tempos agora, muitos alunos, antes os pais deixavam em casa não mandavam pra escola, agora ele quer e é bom isso ele quer botar pra estudar e aí vem mas as escolas não estão aptas a recebe-los porém a secretaria manda o que de fato é bom para o aluno , mas ela não entra na contrapartida dela de preparar o espaço, o professor tem que se irar como ele pode com esse aluno é interessante lembrar disso também.”

Entrevistadora: *Você sabe se os professores da cidade recebem algum tipo de formação ou treinamento para educação inclusiva?*

Professor entrevistado: “Tem, lá na zona urbana nós temos salas especiais do AEE-Atendimento Educacional Especializado justamente para esse tipo... de atender essas pessoas até em contra turnos para ajudar eles, lá de vez em quando eles tem uma aulazinha e tem escola mesmo que ela recebe o PDDE em um valor bem auto ela até cria oficinas para os outros professores deles, a Escola Maria das Dores é muito criativa em relação a isso, em criar metodologia, incentivar buscar algo novo..... e ele aprende um carinho ele não sente, é um direito dele e se é direito dele ele tem que ir é bom, leva muitas vezes tu a gente imagina que uma criança vai lá só por ir mesmo, além dos outros aprenderem que é claro que todo mundo vai aprender com ele, o professor a escola mas ele vai sentir também alguma coisa diferente ele está ali no meio aí eu te digo esse sentir dele é um aprendizado, ele não vai aprender aquilo que muitas vezes você os outros lá aprendendo mas ele vai sentir um afeto e ele vai estar se desenvolvendo de uma forma ou de outra eu sempre sou adepto assim toda criança tem o direito de ir pra escola, não importa a sua necessidade agora a escola tem que se preparar pra receber esta criança”.

Relato da entrevista realizada com a Coordenadora da Escola Osvaldo Cruz, a Sra. Teliane Calixto, realizada em seu ambiente de trabalho.

A entrevista começou com a seguinte pergunta:

Entrevistadora: *Durante seu horário de trabalho você alguma vez já permaneceu na sala de aula para observar se as metodologias estão sendo eficazes para os alunos especiais?*

Coordenadora entrevistada: “Sim, algumas vezes eu já observei, não tem metodologia adequada na verdade porque os nossos professores e cuidadores eles não tiveram ainda uma formação continuada pra trabalhar em cima dessa dificuldade e outros descansam e não buscam, porque é assim além de você não ter você pode buscar porque temos muita ferramenta, a internet, muitos vídeos e muitos exemplos de como trabalhar com as especificidades de cada aluno, só que tem professores descansam ali ficam ali acomodados e não buscam essas informações pra melhorar as metodologias”.

Entrevistadora: *Qual a sua opinião sobre esses professores que trabalham nas salas especiais?*

Coordenadora entrevistada: Como eu te falei, minha opinião é que é muito difícil sim trabalhar com alunos com necessidades educativas especiais, mas assim independente dessas dificuldades o professor quando ele recebe esse aluno, esse problema passa a ser parte do planejamento dele, ele tem que passar tem que inserir essa especificidade desse aluno no planejamento e a maioria não consegue fazer isso eles se planejam excluindo esse aluno embora esse aluno esteja ali mas na verdade ele está excluído daquela aula. Meus professores, eles tem muita dificuldade para trabalhar na educação inclusiva principalmente porque é muito difícil eles não querem dedicar aquele tempo pra entender e conhecer aquele problema pra poder saber trabalhar, temos que buscar mais na internet pra saber lidar e tem como fazer isso.”

Entrevistadora: *Alguma vez algum professor já chegou a questionar sobre a falta de curso profissionalizante na área da educação especial?*

Coordenadora entrevistada: “Olha aqui em especial na Osvaldo Cruz não, mas no geral em outros lugares, outros municípios, outra escola que eu já passei sim é com eu te falei a secretaria de educação deve sim promover esses tipos de cursos de formação continuada para que o professor tenha esse alicerce, mas isso não impede que o professor que o professor faça um bom trabalho se ele quiser fazer, mas precisa dessa formação.”

Entrevistadora: *Você sabe informar se na Secretaria tem plano para melhorar esses impasses que é a falta de formação dos professores da educação inclusiva?*

Coordenadora entrevistada: “Sinceramente eu não sei por que é assim eu não sei se é porque no município não tem tantos alunos com necessidade especiais, porque assim Brasil Novo é um município que tem muitos alunos com necessidades especiais em cada sala é difícil não ter um ou dois alunos com necessidades educacionais especiais, mas assim o município lá ele investe porque os professores eles passam a cobrar e a secretaria de educação ela vê essa realidade, é necessário ali. Eu não sei, mas acho que é porque aqui no município de Anapu tem poucos alunos com necessidades especiais, não sei se é esse o motivo deles não investirem exatamente especificando para essa área a formação, talvez seja por isso, mas eu creio que eles ainda vão ter esse olhar, pensando aqui eu vou até dar ideia pra Secretária de fazer uma formação dentro dessa área aí d educação inclusiva”.

Entrevistadora: *Comente um pouco sobre o que é educação inclusiva para você?*

Coordenadora entrevistada: “Falar em educação especial pra mim, quando se trata em especial para mim não é você tratar o aluo como coitadinho, é você aceitar o aluno da forma que ele é e você tratar ele de uma forma que ele possa se sentir bem ali, não que ele possa se sentir diferente, ele é uma criança especial um aluno especial, você vai tratar ele de uma forma especial, mas de uma forma que não deixa aquele aluno constrangido ou diferente no meio dos demais e quando se trata da educação e para mi essa educação especial é você ver esse lado essa necessidade que esse aluno em dessa especificidade e você dedicar a trabalhar coma daquele aluno a desenvolver um trabalho naquela área que ele possa entender o que você está falando para que ele não venha se sentir um aluno a parte ali naquela sala de aula, a educação inclusiva é muito assim todos nós falamos em educação especial todos nós falamos educação inclusiva que o Brasil hoje tem a educação inclusiva não exclui e abraça os alunos todos os alunos que chegam com suas especificidade mas assim na verdade a educação inclusiva ela seria realmente efetiva se o professor trabalhasse com esse aluno sem excluir sem esse aluno a parti do momento que eu chego na sala de aula eu tenho um auno especial e eu não sei o que fazer com aquele aluno aquele aluno totalmente.”

Análise das entrevistas

A educação especial e inclusiva apesar de ter ganhado visibilidade há pouco tempo, ela não é tão recente assim, é um tema que segundo alguns autores surgiu nos Estados Unidos, logo após a Segunda Guerra Mundial, devido à enorme quantidade de pessoas que ficaram em situação deficiência com os efeitos da guerra e como forma de reabilita-los e também como compensação criou-se a educação especial, que por muito tempo não se prosperou.

Se formos comparar a educação especial de hoje com a de 30 anos atrás, podemos perceber que ela teve uma alavancada grande, hoje as crianças e jovens especiais vão para

escola e a cada dia surgem novas leis que os ampara e assegura seus direitos, porém ainda há muito o que fazer para que se possa dizer que a inclusão está de fato acontecendo.

Embora haja as leis que regem e asseguram que todas as crianças têm direito e é obrigatório que frequentem as salas de aula regulares e que seja ensinadas elas da maneira que ela aprenda muitas escolas ainda matriculam os alunos especiais para aumentar o número de aluno, é triste ver seu filho tratado como moeda de troca ou troca de favores, falo por experiência própria.

Eu tenho um bebê especial e o que já tenho escutado em relação hipótese dele ir para a escola, não é nada que se possa chamar de inclusivo, integrador, incentivador, etc., é como se ele fosse um instrumento de negociação, algo parecido com: Eu ti ajudo e você me ajuda e ajuda outras pessoas também porque ele vai precisar de uma cuidadora e você poderá escolher essa cuidadora, além de você descansar um pouco você estará dando emprego há outra pessoa, pensa que só de seu filho está aqui na escola já é inclusão, ele vai aprender com as outras crianças, vai aprende a reagir ao toque das outras crianças e as outras vão aprender com ele também.

Essa primeira parte até que não me preocupa tanto, mas a segunda só de pensar tira meu sono, meu filho vai completar 04 aninhos e está na cadeira de rodas, nesta escola não há adaptação, as calçadas são todas altas e as escadas são de degraus muito íngremes, não tem rampas para facilitar o acesso de cadeirantes, apesar do meu ser o primeiro cadeirante que irá frequentar esta escola, os outros alunos especiais são autismo, Síndrome de Down e paralisia cerebral, mas sem necessidades de cadeira de rodas.

Assim como em todo o mundo a educação especial e inclusiva tem ganhado espaço e começado a sair do papel, na escola Osvaldo Cruz também houve grande avanço nessa área em relação ao tempo em que estive fazendo meus Tempos Comunidade e agora no tempo de entrevista para meu TCC, professores que realizavam as tarefas dos alunos especiais foram substituídos, não pelo fato de fazerem tudo pelos alunos, mas por outros motivos e que foram favoráveis a educação dos excepcionais,

Mas ainda há muito para ser melhorado como a forma de ensinar como os alunos ditos normais devem tratar os especiais, essa de trate ele bem porque ele é doentinho, especial, diferente ou coisa parecida deve ser extinta, trate ele bem porque ele é humano igual a você e merece o mesmo respeito que você, ele não é doentinho, ele apenas possui algumas característica que o faz diferente, especial.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar apresento as considerações finais a respeito do trabalho sobre as dificuldades e desafios da ação docente na área da educação especial e inclusiva e a falta formação dos professores para atuarem nas escolas do Campo, na área da educação inclusiva, ressaltando a importância desse ensino com profissionais qualificados para que se consiga o resultado esperado ou pelo menos se aproxime dele. A expectativa deste artigo é despertar e ampliar a compreensão do leitor sobre a educação inclusiva nas escolas regulares.

Sabemos que a educação especial e inclusiva nas escolas do campo sofre pela falta de formação e conhecimento por parte dos professores e em fim de todo o corpo docente da escola e também pela falta de políticas públicas, não de novas leis, mas que saiam do papel e se faça cumprir as que já existem, durante os estágios de tempo comunidade podemos comprovar um pouco desse fracasso que chamam de inclusão na escola.

Nos tempos Comunidade fizemos intervenções, relatórios, contamos e ouvimos experiência e presenciamos também o despreparo de alguns, como professores fazendo as tarefas de seus alunos especiais pensando está fazendo o certo e na restituição abordamos essa u pouco essa questão baseando na fala de alguns autores, meses depois voltamos para fazer o diagnóstico para este trabalho e algumas coisas mudaram e para melhor, foram trocados e professores para trabalhar com os alunos especiais, continuam em formação ou treinamentos mas são professores que buscam recursos por conta própria, pesquisam afim de alcançar resultados satisfatório para seus alunos especiais.

Através da educação inclusiva, crianças com necessidades educacionais especiais podem sentir-se importante, mas para que isso aconteça precisamos de professores qualificados, preparados e dispostos a encarar essa luta dia a dia, buscando conhecimento pedagógico e também sobre a vida do seu aluno, buscando colocar em prática o que está nas leis que assegura a permanência dos excepcionais nas escolas e no mercado de trabalho.

O desenvolvimento do presente artigo possibilitou fazer uma longa e profunda reflexão sobre a educação especial e inclusiva e também sobre a formação dos professores para que desenvolvam práticas pedagógicas que faça com que o aluno especial seja um realmente um aluno, eu participe, aprenda e se inclua com os demais, que saia da carteira e seja visto e tenha seu próprio nome, deixando de ser chamado de “coleguinha especial” ou até “doentinho”, eles devem ir pra escolar para aprender e não apenas para as secretarias provar que a escola é uma escola inclusiva, presente apenas nos diários para completar o número de alunos e formar turmas.

A inclusão ela é integradora, ela visa o bem de todos, tendo ele alguma deficiência ou não, ela causa ruptura dos sistemas, exige transformações profundas, ela causa estranheza, mas não se deve abalar pelo medo de algo novo, pois ela vem valorizar a diversidade humana e fortalecer o convívio e a aceitação das diferenças, contribuindo para a construção de um mundo novo com oportunidades reais, não obrigatoriamente iguais, mas que todos se beneficiem, seja especial ou não, pois isso sim é inclusão, visando proporcionar a participação ativa na sociedade e no mundo trabalho e na aquisição do conhecimento. (Rita de Cassia de A.F. 2012, p. 9).

A realização deste trabalho me trouxe uma reflexão sobre as formas de expressar, buscar e lutar pela causa dos alunos com necessidades educacionais especiais, são muitas as leis que os amparam, mas a sociedade em alguns casos deve lutar para que essas leis sejam aplicadas de forma correta e satisfatória, que não seja apenas estar na sala de aula sem nenhum aproveitamento e sem retorno, mas que aja um ensino com resultados proveitosos para a vida escolar e social dessas crianças.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 2/2011. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em 15/10/2015.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Câmara de Educação Básica. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na educação básica. Resolução CNE/CEB, n.2, 11 set, 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei n. 9394/96. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010.

_____. Lei nº 9394/1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 05/11/2018

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei n. 9394/96. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010

BRASIL. Ministério da Educação.. LDBEN nº 4.024/61. **Fixa as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: INEP, 1961.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei n. 9394/96. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na educação básica. Resolução CNE/CEB, n.2, 11 set, 2001.

Declaração de Salamanca. [S.l.,s.n.]. 1994. Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br>>. Acesso em 09/10/2011

FUMEGALLI, Rita de Cassia de Avila. **Inclusão escolar**: O desafio de uma educação para todos. Ijuí-RS, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 13. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005

GODINHO, Francisco. **Conceito de acessibilidade**. Disponível em: <http://creago.org.br/site/acessibilidade/>. Acesso em: 26 de agosto de 2018

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Educação escolar de deficientes mentais: Problemas para a pesquisa e o desenvolvimento.** Cad. CEDES, vol. 19, n.46, Campinas, set. 1998.

MAZZOTTA, Marcos. José Silveira. **Educação Especial no Brasil: histórias e políticas públicas.** São Paulo: Cortez. 208 p.

MENDES, E. G. **Construindo um “locus” de pesquisas sobre inclusão escolar.** In: MENDES, E.G; ALMEIDA, M. A; WILLIAMS, L. C. de. *Temas em educação especial: avanços recentes.* São Carlos: EdUFSCAR, pp.221-230, 2004

SANTOS, DaísyCléia Oliveira dos. *Potenciais dificuldades e facilidades na educação de alunos com deficiência intelectual.* Educ. Pesquisa, São Paulo, v.38, n. 04, p. 935-948, out./dez. 2012

SASSAKI, R. **Entrevista especial à Revista Integração.** Revista Integração. MEC: Brasília, v.8, n. 20, p.09-17, 1998

SASSAKI, Romeo. Kazumi. **Inclusão, o paradigma da próxima década.** Mensagem. Brasília, v. 34, n.83, p. 29, 1998.

8. ANEXO 1

Anexo A- TCLE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“Avaliação do quadro de professores frente a demanda na área da Educação Especial e inclusiva e Formação de Professores, na EMEF Osvaldo Cruz, no município de Anapu-PA”**. O trabalho está sendo desenvolvido pela discente Edileusa Storch da Silva, e orientada pelo prof. Bianca Araújo de Oliveira Pereira, ambos do curso de Educação do Campo, Faculdade de Etnodiversidade, Universidade Federal do Pará, *Campus* de Altamira. Quaisquer dúvidas podem ser esclarecidas com a discente, pelo telefone (93)992055336, ou com o orientador, pelo e mail bianca-araujo19@hotmail.com. Esta pesquisa é de grande importância, e tem como objetivo entender o trabalho, formação, conduta e as dificuldades dos professores na área da educação especial e inclusiva e a opinião de diretores, professores através das entrevistas, fundamentando posteriormente com autores que antes já trabalharam com as mesmas ideias. Você foi selecionado, mas sua participação não é obrigatória, e poderá deixar de participar a qualquer momento, sem prejuízos ou penalidades. Essa pesquisa não prevê riscos nem benefícios, e sua identidade e dados pessoais serão preservados. Declaro que eu fui informado sobre os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e porque o pesquisador precisa da minha colaboração, tendo entendido a explicação. Por isso, eu concordo em participar, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

 Nome do participante

 Assinatura

 Nome do entrevistador

 Assinatura

Anapu, _____ de _____ 2019

9. APÊNDICE

APÊNDICE – Roteiro de entrevista 01.

I. Identificação

Nome:

02. Sexo: masculino feminino

03. Idade: _____anos

04. Função: _____

II. Formação Acadêmica

05. Titulação:

a. Graduando.

b. graduado.

c. Especialista.

d. Magistério (antigo 2º grau).

6. Área de formação: _____

07. Você tem ou está fazendo algum curso de pós-graduação? sim

não.

08. Área de especialização: _____

III. Atuação profissional

09. Há quantos anos leciona? _____

10. Disciplina que leciona? _____.

11. Níveis de ensino que atua:

a. Educação Infantil.

b. Educação Fundamental I.

c. Educação Fundamental II.

d. Ensino Médio.

Formulário de entrevista com professores, diretor de ensino, secretária de educação e pais de alunos especiais para realização do trabalho de conclusão de curso (TCC).

Diretor de Ensino

- Durante suas visitas nas escolas do campo, alguma vez você já permaneceu na sala para observar se as metodologias estão sendo eficazes para os alunos especiais?
- Qual sua opinião em relação aos professores que trabalham em salas com alunos especiais?
- Algumas vezes algum professor já reclamou da falta de curso profissionalizante na área da educação especial?
- Na Secretaria de Educação já há algum plano para melhorar esse impasse na educação inclusiva?

Professores

- Você se sente contemplado pelos suportes que lhes são oferecidos pela secretaria de educação municipal e governo em relação a educação especial e inclusiva?
- Suas metodologias contemplam as especificidades de cada aluno presente em sua sala de aula?
- Como você planeja suas aulas para a educação especial?
- Quais os materiais e recursos didáticos que você utiliza durante suas aulas para a educação especial?
- Quais são recursos os que a Secretaria de Educação lhe proporciona para trabalhar com este público de aluno?